

RINDO AOS PRANTOS

RINDO AOS PRANTOS

Antonia Leão

© Antonia Leão

Edição: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira
Projeto gráfico: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira
Capa: Diego Carneiro
Ilustrações: Manoela Ribas
Preparação de original: Guilherme Conde Moura Pereira
Revisão: Bárbara Tanaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leão, Antonia

Rindo aos prantos / Antonia Leão; [ilustrações Manoela Ribas]. –
1. ed. – Curitiba: Telaranha, 2022.

ISBN 978-65-997172-3-9

I. Crônicas brasileiras 2. Humorismo brasileiro I. Ribas, Manoela.
II. Título.

CDD-B869.8

22-132433

Índices para catálogo sistemático:
I. Crônicas: Literatura brasileira B869.8
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Curitiba – PR
(41) 3246-9525
www.telaranha.com.br
contato@telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
2022

*Em homenagem à Vovó Isa,
que tinha uma história hilária para todas as ocasiões.*

*E para a família Leão,
que me ensinou a rir em meio às dificuldades.*

*“A vida não deixa de ser engraçada quando as pessoas morrem,
assim como não deixa de ser séria quando as pessoas riem.”*

— George Bernard Shaw, *O dilema do médico*, 1906

*“Se eu me for antes do resto de vocês,
Não quebre uma flor nem inscreva em uma pedra.
Nem, quando eu for embora, fale com uma voz de domingo,
Mas sejam os eus usuais que conheci.
Chore se for preciso,
A despedida é um inferno.
Mas a vida continua,
Então cante também.”*

— Joyce Grenfell, “Se eu me for”

“Eu tenho o que tenho e estou feliz.

Eu perdi o que perdi e ainda estou feliz.”

— Rupī Kaur, *Outros jeitos de usar a boca*, 2014

*“Risada não é o oposto de tristeza; felicidade é o oposto de tristeza.
A risada é uma reação, e é livre para existir em ambos.”*

— Daniel Sloss, *Dark*, 2018

Prefácio · II

Introdução · 17

Um remédio difícil de engolir · 23

Fluxo de inconsequência · 33

Bala perdida · 41

Bolo com gosto de triste · 53

Aperto · 65

Capela dos ossos · 75

(Des)abotoando o paletó · 87

Pareidolia · 99

Cândida · III

Um ótimo morto · 117

Lamentável · 127

Involuntário · 131

Afiado · 139

Chocolate · 147

Dona Felicidade · 155

Parabéns pela sua morte · 163

Sonho de um réquiem · 169

Mortificada · 177

Eufemismos · 195

Tétrico · 201

Dona Celeste · 211

Viagem de família · 219

Posfácio · 227

Agradecimentos · 231

• PREFÁCIO

Morra de rir

José Carlos Fernandes

“Rir é o melhor remédio”. A receita ficou famosa nas páginas da revista *Seleções Reader’s Digest*, ainda hoje popular no Brasil. Dispensa legenda. Na falta de solução melhor, gargalhe – mesmo que entre lágrimas. *Rindo aos prantos*, da jornalista Antonia Leão, parte dessa blague de almanaque – um elogio à piada quando não há mais nada a fazer – para construir um inesperado trabalho de crônica jornalística.

Não que a crônica seja um gênero estranho ao humor. Pelo contrário, vive dele. Mas dez entre dez cronistas brasileiros, desde 2018, têm alertado para o fato de que a polarização política e a epidemia de Covid-19 assaltaram os cronistas, roubando-lhes a graça. É bíblico. Assim como não há como cantar no exílio da Babilônia, não haveria como rir em meio a mais de 600 mil mortes; e a tanta gente se atracando pelo pescoço por causa de política.

Só que não. O humor tem vaidades e segredos que colaboram para sua, digamos, resiliência. Em 22 crônicas, Antonia Leão verga a vara e extrai dali o que parecia impossível – a risada mais gostosa, neste exato momento de 2022, quando nos sentimos no *hall* de entrada do fim do mundo. É motivo para festejar, pois uma porta de incêndio se abre. E não poderia ser outra a autora da proeza senão uma jovem. A salvação está sempre com eles – e não sou eu quem diz, mas Oscar Wilde, ainda que com outras palavras.

Não sei se intencional, mas uma das artimanhas mais deliciosas de Leão é que, lá pelas tantas de suas historietas sobre velórios e afins, nós é que nos tornamos narradores em segredo. Acordamos do sono profundo (rs). Explico. As crônicas têm o poder de nos fazer lembrar das nossas melhores aventuras em... sepultamentos. Ok. A gente chora de emoção. Engole o riso, ainda com vergonha. Mas também exercita o pensamento. Como chegou a dizer o filósofo José Arthur Giannotti – num de seus momentos mais inspirados –, “filosofar é aprender a morrer”. É o que *Rindo aos prantos* provoca na gente.

De minha parte, durante a leitura, fiz um inventário breve dos velórios da minha vida. No de minha bisavó, vi uma amiga esbofetear a falecida – era uma promessa, pois dona Matilde se pelava de medo de ser enterrada viva. No guardamento do meu tio José, passamos uma madrugada rindo das piadas que ele gostava de contar, antes de amargar a depressão de 15 anos que o levou ao suicídio. Foi divertido puxar pela memória minha prima Camila avisando que ia se esconder embaixo do caixão quando todos os seus ex-namorados chegaram para o velório do pai dela, ao mesmo tempo. Sim – gostavam muito do ex-sogro. Há também um clássico de folhetim – a moça esfuizante que chorava convulsiva sobre o corpo do meu cunhado, ano passado. Ninguém a conhecia. Era sua filha – tinham recém-reatado pelas redes sociais. O resto, perguntem à Glória Perez. *C’est la vie*.

Também me vi arrastado por relatos ouvidos aqui e ali. Meu amigo Gino, de infância, morreu de repente, vitimado por uma dor de cabeça torturante, depois de um sábado inteiro cortando cabelos. Na madrugada depois do sepultamento, a família desolada decidiu ver o que a Folhinha do Coração de Jesus, atrás da porta da cozinha, dizia sobre aquele dia. Havia uma piada das boas. Pais e irmãos lembraram o quanto o Gino gostaria da anedota – e que a repetiria aos clientes. Decidiram, no coletivo, rir em homenagem ao sujeito

divertido pacas que Gino era. Por fim, brotou aqui no peito uma das passagens mais lindas que ouvi sobre o tema. A fisioterapeuta com quem me trato foi uma garota rica do Norte Pioneiro. Ao saber da morte de uma guria da idade dela, filha de agricultores que trabalhavam na fazenda de café da família, ficou perplexa ao ver a menina morta trajando um vestido velho que um dia lhe pertenceu – doado à turma da roça. O que não lhe servia mais era a roupa mais bonita para aquela criança, vestida para se encontrar com Nosso Senhor. Pois Giannotti tinha razão – “filosofar é pensar sobre a morte”.

Antonia Leão sabe dessas coisas. E de outras. A jornalista filosofa sobre a morte – sem palavrório, pois não cabe ao cronista arrotar citações –, mas também demonstra ter domínio da carpintaria da crônica. Quem ler, verá. Seu trabalho dialoga com o espírito *nonsense* dos *faits divers* e *canards*, dois gêneros tão hilários quanto sinistros, onipresentes na imprensa desde os tempos de Gutenberg. E como desgraça e risada pouca é bobagem, embrenha-se por outra escola, a da “literatura de mão amarela”, também conhecida como escatologia. Não é para muitos rir em público – como ela o faz – sobre pruridos e odores, dando ovas aos que consideram esse um direito dos garotos no pátio da escola. Não à toa, Leão cita a folhas tantas a superlativa humorista norte-americana Lucille Ball. Torço para que seja uma homenagem à mulher engraçada, um direito sonhado, como se sabe. E a vida fará sentido até o dia seguinte, como dizia W. H. Auden.

De todas as qualidades de cronista que ostenta, destacaria, ainda, a capacidade de assumir para si a voz dos personagens que entrevistou. Tal e qual Tati Bernardi, apimenta, com esse truque, as relações turbulentas entre realidade e ficção. Ponto para elas. Some-se a destreza de Leão em produzir *grand finales*. Terminar uma crônica, permitam-me, é mais difícil que finalizar a construção de uma

casa. A última frase, não raro, é a mão que desembaca a janela e revela a paisagem. O cronista, esse pobre operário de uma atividade ao rés do chão, como tão bem definiu o mestre Antonio Candido, precisa ter a arte de um contista para pôr o laço de fita na história. Antonia chegou lá. É boa em empacotar narrativas. E igualmente boa de conversa, presumo. Vale para ela a máxima (filosófica) do ator e encenador Cacá Rosset, do grupo Ornitórrinco: “O humor é a menor distância entre duas pessoas”. *Rindo aos prantos* nos aproxima – é tudo o que estamos precisando.

- *José Carlos Fernandes é professor no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e começou a publicar crônicas em 2008. Anda morto de cansado.*

• INTRODUÇÃO

Este livro não foi feito para ser agradável. Na verdade, há uma grande probabilidade de que você se sinta bastante desconfortável. O artista britânico e anônimo Banksy disse: “A arte deve confortar o perturbado e perturbar o confortável”. O livro-crônica em suas mãos é composto de histórias, tanto em primeira quanto em terceira pessoa, baseadas em relatos reais, em que personagens reagem e interagem com o tema da morte de maneiras não convencionais. Alguns nomes e detalhes foram modificados, para proteger as identidades das fontes, mas os fatos principais permanecem.

Sendo assim, é provável que você tenha uma de duas reações. Na primeira, é possível que você não se identifique com nenhum desses personagens – e que, talvez, até mesmo os julgue – por nunca ter passado por nada parecido, o que poderá lhe causar:

- a) estranhamento;
- b) repulsão;
- c) ceticismo;
- d) todas as opções anteriores.

Se isso acontecer, eu, como autora, não ficaria desapontada. Na realidade, isso quer dizer que estou fazendo algo certo, se o meu trabalho está lhe causando alguma reação. Espero, entretanto, que após terminar este livro essas reações sejam amenizadas com o humor, deixando sua relação com o tema da morte – mesmo que pouquíssimo – mais palatável, da mesma forma que um sabor artificial de morango ajuda uma criança a engolir uma colher de medicamento amargo. Mas também é possível que você enxergue as pessoas que deram seus relatos como blasfemas destabocadas. Nesse caso, feche o livro e nunca mais pense duas vezes no assunto.

Ou...

Você pode sentir alívio. Talvez você já teve alguma reação não ortodoxa ao saber de uma morte; já se assustou com seus próprios pensamentos, ou ficou tão constrangido que fez sua própria vergonha virar um problema escalar. Talvez você seja perturbado por encontrar o tema da morte com mais frequência do que queria, ou talvez por lidar com o tema tão pouco que, até hoje, não soube reagir direito. Se esse for o caso, é possível que você compartilhe certas ideias, medos e reações com os personagens que encontrará aqui. E, como um aluno que descobre que seu colega também não fez o dever de casa, você não se sentirá sozinho nesse pepino. Aqui, você poderá encontrar pessoas tão perturbadas quanto você, ou até mais.

A questão é: a morte não foi feita para ser conveniente. Se você considerar o aspecto macro e o papel dela no ciclo da vida (*insira a música do Rei Leão aqui*), sim, ela é. Contudo, pessoalmente, para as famílias que precisam lidar com serviços funerários e rituais para realocar o corpo e fazer tudo dentro do possível para se despedir do morto etc., não, não é. A sociedade ocidental fabricou inúmeras maneiras, no decorrer dos últimos séculos, para que familiares tenham oportunidades para se despedir do morto. E, geral e infelizmente,

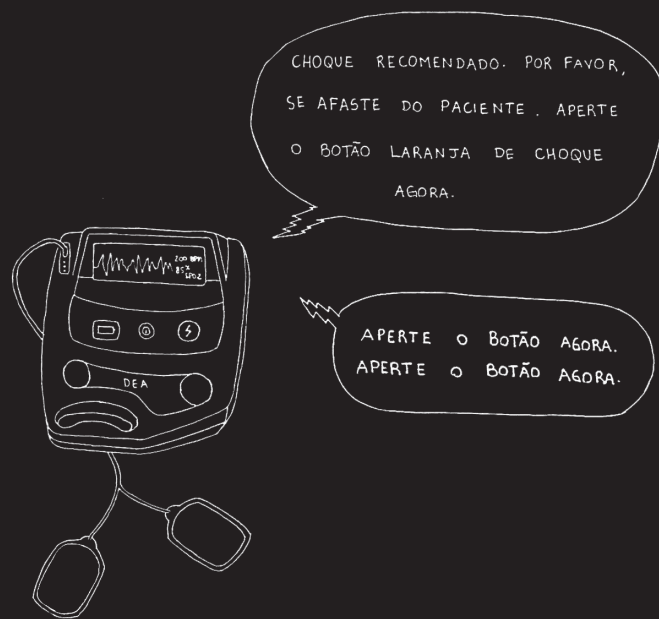
não importa qual ritual seja feito, não será o suficiente. Você pode estar ciente de que alguém vai morrer, preparar diversas despedidas, dizer tudo que precisava ser dito e até realizar os desejos finais de quem está morrendo, mas isso também não vai ser suficiente. Você sempre sentirá falta deles, sempre terá coisas novas que gostaria de ter feito ou dito para eles, e sempre ficará um pedaço de dor. Você só precisa aprender a conviver com ela.

Mas a morte é um processo natural. Ela vai acontecer comigo, com você e com absolutamente todos que conhecemos (Ei! Talvez você esteja segurando um pedaço de árvore morta neste instante!). E não há nada que podemos fazer para impedir isso. Mas podemos discuti-la, podemos achar conforto uns nos outros e podemos nos assegurar de que não há forma de processar tal dor que seja melhor que outra. Para alguns, pode ser a igreja; para outros, a terapia. Alguns conversam com a família, outros encontram processos catárticos, como um esporte ou uma forma de arte. Outros simplesmente riem.

O luto é doloroso. Mas é uma dor que não precisa ser escondida e pode ser processada da maneira que for melhor para você. Eu escrevi este livro para lançar um pouco de luz a um tema tão visto como sombrio. Então, retiro o que disse: este livro tem o objetivo de ser agradavelmente desagradável. Espero que você, caro leitor, encontre conforto sabendo que seu processo é válido, e sua morte, inevitável; então, ria enquanto puder.

*As crônicas deste livro são baseadas em relatos reais.
Alguns nomes foram alterados para preservar identidades.*

Um remédio difícil de engolir



Eu tive quatro ataques de riso no dia que minha vó morreu.

O primeiro aconteceu quando precisei chamar a ambulância. O relógio do meu celular marcava 23:40 quando eu tive que procurar o número na internet, pois havia esquecido. Lembro de pensar *poxa, nos Estados Unidos eles têm um número para todas as emergências, bem que podia ser assim aqui.*

“Central da Samu, serviços ambulatoriais, como posso te ajudar?”

“Minha vó está morrendo. Ou morreu. Não sei. Ela não respira”. Minha voz era apressada e ansiosa em contraste com a do outro lado da linha. Eu poderia ter dito que um passarinho pousou na minha janela, pelo seu tom calmo. Isso só me deixou mais nervosa.

“Ok, senhora, espere um momento”. *Um momento? Ela não tem um momento!*

“Ela está assim há quanto tempo?”, perguntaram, um momento e meio depois.

“Não sei, uns vinte minutos. Escute, você está me ouvindo? Ela está morrendo! Vocês precisam fazer algo!”.

“Sim, senhora, estamos preparando uma ambulância agora mesmo. Você sabe me dizer o CPF dela e se ela tem seguro?”. *Eles nunca vão chegar a tempo*, pensei.

Passei as informações, conferindo-as com meu pai. Fiquei afobada, esperando alguma resposta do outro lado da linha enquanto eles averiguavam. Me deixaram aguardando por alguns segundos. Ou eram minutos? Não saberia dizer. Mas calculei na minha cabeça que, até eles verificarem as informações, prepararem a ambulância e dirigirem até minha casa, vovó já não teria mais chance. Que sistema péssimo. É a coisa mais brasileira que já vi, colocando a burocracia antes da vida de alguém.

É claro que, na hora, não me ocorreu que a atendente estava calma para tentar me manter sã, pois era isso o que lhe foi instruído. Ao perceber isso, me senti culpada; havia reclamado, incrédula, sobre sua insensibilidade para as duas pessoas que seguravam as mãos de minha vó. Como eu, a pobre moça só estava fazendo sua parte.

Depois de voltar à ligação, a atendente me confirmou que a ambulância estava a caminho.

Sentei no sofá da sala e tentei processar o que tinha acabado de acontecer. De dentro do quarto do meu pai, eu o ouvi falando suavemente palavras que não conseguia distinguir. Eu vi, junto com ele, ela parar de piscar, seu pulso perder ritmo e seu braço simplesmente cair a seu lado. Ele estava falando com uma pessoa morta. Tive uma ainda maior confirmação disso quando a cuidadora de vovó saiu do quarto para lhes dar privacidade. Ela, em seguida, foi para a cozinha, enquanto eu me curvei escondendo meu rosto nos joelhos.

Cobri meu rosto com minhas mãos para abafar o som. E, com um pinga de culpa, o deixei vir. E assim aconteceu o primeiro.

A segunda vez foi quando eles chegaram. Meu cachorro latiu ao ouvir o barulho da porta do elevador, e os três socorristas, que

entraram uniformizados, carregando materiais que eu não reconheci, pararam no corredor.

“Ele morde?”, uma das mulheres perguntou, enquanto seu colega estava prestes a se abaixar para acarinhá-lo. Fiquei parada por um segundo, não acreditando na cena. Pisquei duas vezes.

“Minha vó está morta”, foi minha resposta. Meu rosto isento de expressão deve tê-los assustado, pois consegui que eles se recompusessem e se afastassem do cão.

“Ah. Certo. Onde ela está?”. Indiquei o caminho do quarto. Vi, então, um deles colocar uma pequena máquina em cima da cama, ao lado dela. Eles abriram sua blusa e vi a imagem bizarra de seus peitos flácidos derramando-se, um para cada lado. Seus olhos ainda estavam abertos para o céu. Um dos socorristas começou a massagem cardíaca enquanto o outro ligava o aparelho.

“Assistolia”, o primeiro disse. Eles colaram quatro eletrodos vindos da máquina em seu corpo murcho e enrugado. Quando ligaram o desfibrilador, eu levei um susto. Ele falava.

“Passo um: Verifique o pulso do paciente e se há obstrução nas vias aéreas. Passo dois...”.

Era um passo a passo do processo, dado pela própria maquininha. Um passo a passo de como trazer alguém de volta à vida. Mas espera... eles não fizeram anos de estudo para isso? Eles já não deviam saber, sem um objeto para guiá-los? Parecia bizarro demais para ser real.

“Espera”. Eu olhei para meu pai. Seu rosto parecia ter sido puxado para baixo com um anzol. “Eu não acho que ela ser ressuscitada é a melhor coisa a se fazer. Seus órgãos falharam, sua condição de vida era ruim”.

Meu pai assentiu com a cabeça e, em poucas palavras, confirmou o que eu disse.

Todos ficamos em silêncio. Pela primeira vez, percebi outra pessoa no cômodo. A cuidadora de minha vó, das últimas semanas. Ela estava chorando. Conhecia minha avó há duas semanas e estava chorando. O silêncio pesava, a não ser pela voz da maquininha, que estava, então, no passo cinco. Eventualmente ela chegou a um ciclo de repetição:

“Choque recomendado. Afaste-se do paciente. Aperte o botão laranja de choque agora... Choque recomendado. Afaste-se do paciente. Aperte o botão laranja de choque agora... Aperte o botão laranja de choque agora”.

“Não pode desligar isso aí?”. Foi a primeira vez que eu ouvi meu pai falar uma frase inteira.

“Precisamos esperar o médico chegar para que ele confirme que ela não deve ser ressuscitada”. O que meu cérebro perverso interpretou como *para que ele confirme que a menina não quer assassiná-la*.

A voz continuou com as instruções, dizendo, passo a passo, o que os paramédicos deveriam fazer. Parecia uma babá. Uma babá eletrônica. *Meu Deus, essas seriam as pessoas encarregadas de salvar a vida dela se fosse o caso?* Aí minhas bochechas, que estavam se enchendo de ar, cederam.

“Que patéticos”, consegui ouvir a voz de minha vó em minha cabeça. Vovó, que acreditava em gnomos, poderes místicos, pedras espirituais e tarô, mas podia ser cética em relação às pessoas. Eu conseguia imaginá-la de pé ali, saudável e falante. Com certeza estaria gargalhando.

“Olha a cara daquela ali. Até parece que é ela quem está morrendo. Meu Deus, alguém oferece um botox para a coitada, acho que ela nem sabe que tal coisa existe”. Observei a paramédica para qual o espírito imaginário apontava. Seu rosto era um mosaico de tédio, composto de um bico fechado e olhares distraídos pelo quarto. Me desculpando a todos, eu saí do cômodo.

Eu estava errada, ela ainda estava em assistolia. Havia uma chance, então. Pelo menos, uma janela de tempo em que talvez seu coração poderia voltar a bater caso o médico achasse viável.

Certas palavras que ela havia dito nos últimos anos, que passaram despercebidas, vieram à tona como um vendaval:

“Estou no lucro”, ela dizia tranquilamente se seu médico recomendasse uma dieta que a faria abandonar seus doces prediletos e ela, teimosamente, se recusava a seguir. “Já estou no lucro”, ela dizia alegremente se recomendavam algum exercício que ela tinha preguiça demais para fazer. “Estou no lucro”, ela dizia com uma paz de quem abraçava qualquer desafio.

Olhei em volta para as criaturas pitorescas, congeladas em volta da cama ao som de uma máquina irritante, sem saber quando deviam mexer um músculo ou pigarrear. Sem previsão de quanto tempo deviam ficar imóveis até o médico chegar. A cena anômala fez com que eu me dissociasse e lhe assistisse enquanto meus pés me carregavam para longe.

Ao sair do quarto, tentei abafar o som, sem muito sucesso. É possível que alguém tenha ouvido quando eu estava no corredor.

A terceira vez foi quando meu pai teve que sair, para lidar com as preparações do velório e da cremação. Eu não sabia se isso era um processo burocrático estratégico feito pelas empresas funerárias para deixar a mente ocupada ou se era apenas insensível. E assim eu me despedi de meu pai, que, após passar a madrugada inteira conversando com o geriatra e o cardiologista da vovó, que compareceram no apartamento, foi do cartório ao crematório durante a parte da manhã. Eu odiaria ter que lidar com isso.

Familiares chegaram. Uma amiga da vovó também. Cláudia, o nome dela. Usava brincos em formato de gotas, calças néon de ginástica e tinha 1,85 metro de altura, só não sendo mais alta que a própria voz. Ela soluçava, inclusive, era a única. Não que vovó não fosse adorada, ou o apartamento não estaria cheio, mas a reação foi tão intensa que preenchia o cômodo, silenciando os demais.

Mesmo assim, não parecia real para vários de nós. Minha prima não falou muito. Meu tio abraçava todos. Meu primo buscava água para as pessoas, para evitar falar do assunto. Mas Cláudia, com meu cachorro no colo, como se o conhecesse a vida toda, chorava aos prantos. Ela e minha vó eram bem próximas, apesar da diferença de 30 anos de idade. Cláudia era cunhada de meu tio e virou professora de ginástica da vovó. Mas claro que, em vez de fazerem exercícios, vovó a convencia a ir ao cinema ou sair para beber *smoothies*, e, assim, Cláudia ganhou uma amiga e vovó não se perdia em seus hábitos sedentários.

Estava conversando com minha prima quando Cláudia se levantou e, sem nenhum aviso, entrou no quarto onde vovó estava. Ela retornou uma hora e meia depois, com o rosto inchado de lágrimas, contando que queria deixá-la bonita para o velório. Então, percebi a bolsa aberta em sua mão, na qual estava visível um batom fechado e um pincel de maquiagem cheio e felpudo que se assemelhava ao rabo de um lulu-da-pomerânia. Se alguém averiguasse e abrisse a bolsa, provavelmente encontraria itens como pó compacto e paleta de sombras com tons parecidos com os que David Bowie usava.

E foi assim que concluí que ela havia maquiado e vestido vovó.

Achei algo estranho e horripilante de se fazer, mas não questionei. Meu pai, que já havia retornado, não parecia chateado ao ouvir do ato que ela estava compartilhando com orgulho, então eu não tinha motivo de estar.

Horas mais tarde, enquanto os parentes lidavam com as burocracias da certidão de óbito para que buscassem o corpo, eu decidi ficar em casa. Eu ainda estava de pijama e, apesar de ser a única vestida de forma mais casual possível, não achei nenhuma motivação real para me trocar. Afinal, ainda não tinha dormido. Umas quinze pessoas entraram e saíram até que eu estivesse sozinha. Com vovó.

Fui a meu quarto e tentei dormir. Liguei para minha irmã, que morava longe, e pedi para que me distraísse. Fritei na cama por meia hora. Considerei ir até a cozinha e pegar um petisco para comer, mas algo me segurou. Eu estava sozinha em casa com um defunto. Era difícil dizer que aquele defunto era minha vó, pois eu não acreditava nisso. Vovó falava, fazia piada, até brincou com o cabelo do médico na semana anterior. “Esse topete está péssimo”, havia dito, desnorteando um cômodo de parentes preocupados e os levando a risadas. O corpo ali não fazia nada disso. Consciente de que estava sozinha em casa, comecei a rir. Muito. Era a situação mais bizarra pela qual eu já havia passado.

Então, ouvi um barulho. Congelei no lugar, estremecida. Vinha do quarto onde vovó estava e parecia o de um objeto sendo arrastado. Esperei. Ouvi o som novamente. Ninguém havia chegado ainda, então lavei o rosto no banheiro. *Minha mente está inventando coisas*, pensei. Meus braços estavam arrepiados. Tomei um calmante e só acordei na hora do velório.

“Como você está, querida?”, minha tia me perguntou no evento. Eu estava longe do caixão aberto. A visão dele me deixava desconfortável. Os olhos dela estavam fechados agora, suas mãos estavam se sobrepondo. Havia flores brancas espalhadas no véu que a cobria.

Seu rosto, entretanto, não combinava com a cena. Ela estava com uma sombra roxa e bochechas extremamente rosadas. Uma linha fina de batom vermelho cobria sua pequena boca. Ouvi meu pai conversando sobre a pintura com meus tios; todos estavam agradecidos pelo ato de carinho, o que me levou a manter uma cara de paisagem durante a cerimônia.

“Indo. Dormi mal. Comecei a ouvir coisas de noite, sabe como é... minha mente criando coisas”.

“Ah não, querida, foi minha irmã”, ela contou, com a maior naturalidade do mundo. “Pedimos para ela ficar, para não te deixar sozinha. Você não a viu?”.

Foi então que percebi que eu não vi a irmã da minha tia/amiga da minha vó/a pior maquiadora de defuntos da história sair da casa antes de eu acordar. Cláudia havia passado a noite com o corpo. Ela não queria deixar *minha avó sozinha*. Tentei processar isso, pois não estava crendo. Infelizmente, mais tarde, consegui a confirmação de minhas suspeitas. Pediram explicitamente para ela me fazer companhia, mas ela não quis deixar a *vovó sozinha*? *Calma, recomponha-se. Aqui você precisa se recompor*. Ela maquiou... vestiu... e dormiu... com a minha avó. *Que está morta. Respira fundo*.

Respirei cinco vezes e tentei me distrair do assunto. Olhei para o padre que estava falando. Eu não era religiosa, e sermões católicos sempre me deixaram desconfortável, mas tentei prestar atenção. Estava dando certo. Consegui me acalmar e focar nas palavras, e esqueci completamente do assunto.

Até que me arrependi profundamente.

“Estamos hoje aqui para honrar a memória de Helena...”

Pronto. Tudo que bastava.

De pé, diante de família e amigos próximos, diante de pessoas vestidas de preto, tanto jovens quanto idosas, eu paguei o maior vexame

dos meus 23 anos. Meu corpo tremia descontroladamente, como se pertencesse a uma minhoca convulsiva, e o som inicialmente abafado se transformou na minha garganta em algo maior do que a vida.

Dessa vez, não tive tempo de ir ao banheiro. Ri ali mesmo. Na frente dos familiares, do padre e da vovó com sua maquiagem tão chamativa quanto um pavão. *Mas quem era eu para julgar, né, vó? Eu estava soando como uma araponga*. Se riso era o melhor remédio, aquele com certeza era difícil de engolir. E, como se ela estivesse mais uma vez a meu lado, respondeu:

“É, minha filha. Mas pelo menos não te chamaram de Helena em vez de Heloísa no seu próprio velório”.